



**Simplifique: uma resposta ao  
artigo “As cinco marcas da missão”,  
de Chris Wright**

*A missão da igreja é fazer o que só ela  
consegue fazer no mundo*

---

Chun K. Chung

Este artigo não reflete, necessariamente, a posição do Centro de Reflexão Missiológica Martureo. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão e publicamos aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

Definir missão se tornou uma tarefa difícil em nossos dias porque cada um tem a sua própria ideia do que deva ser. Vivemos em uma era de opiniões e de supervalorização da experiência pessoal. Aliada a esse cenário, está a indefinição do missiólogo mais influente no meio acadêmico, o sul-africano David J. Bosch, que diz que missões é algo que “permanece indefinível”, sendo que “o máximo que podemos esperar é formular algumas aproximações do que a missão significa”.<sup>1</sup>

O artigo “[As cinco marcas da missão](#)”, de Chris Wright, baseia-se na definição de missão dada pelo Conselho Consultivo Anglicano de 1984 e adotada pela Conferência de Lambeth em 1988 nos seguintes termos:

1. *Proclamar as boas novas do reino;*
2. *Ensinar, batizar e treinar os novos crentes;*
3. *Responder à necessidade humana com serviço amoroso;*
4. *Buscar a transformação das estruturas injustas da sociedade;*
5. *Lutar para preservar a integridade da criação e sustentar a vida na terra.*<sup>2</sup>

Esse olhar multidimensional da missão proposto pela Igreja Anglicana é apenas um dos reflexos do conceito de *missio Dei* (missão de Deus). É importante para nossa discussão conhecermos o contexto de onde emergiu. O teólogo suíço Karl Barth formulou a base desse pensamento em 1932, e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em sua Conferência Missionária Internacional na cidade de Willingen (1952), injetou-o de vez nas vias sanguíneas da igreja.<sup>3</sup> “Na tentativa de

concretizar o conceito de *missio Dei*, poder-se-ia dizer o seguinte: na nova imagem, a missão não é primordialmente uma atividade da igreja, mas um atributo de Deus. Deus é um Deus missionário.”<sup>4</sup> A partir daí, a compreensão de missão como *missio Dei* passou a ser amplamente usada, em primeiro lugar pelas igrejas protestantes ligadas ao CMI, ortodoxos orientais, católicos romanos e grupos evangélicos. Nascia assim a divisão entre missão e missões – missões passou a se referir ao trabalho da igreja no plantio de igrejas e na proclamação para a salvação; missão seria tudo o que Deus faz no mundo com ou sem a igreja. Stephen Neill declarou em 1949: “A idade das missões terminou; a idade da missão, começou”.<sup>5</sup>

Chris Wright entende que a palavra missão possui uma grande amplitude conceitual, englobando inúmeras atividades da igreja na missão de Deus:

*É por isso que também não gosto daquela velha linha de nocaute que tentou limitar à cerca do ringue a palavra “missão”, significando especificamente o envio transcultural de missionários para evangelismo: “Se tudo é missão, logo, nada é missão”. Seria mais bíblico dizer: “Se tudo é missão, logo, tudo é missão”. É claro que nem tudo é missão evangelística transcultural, mas tudo o que um cristão ou uma igreja cristã é, diz e faz deve ser missionário, numa participação consciente na missão de Deus, no mundo de Deus.*<sup>6</sup>

É bíblico e verdadeiro afirmar que a missão é de Deus, mas os proponentes da *missio Dei* tendem a fazê-lo em detrimento das *missiones ecclesiae* (atividades missionárias da igreja) porque

<sup>1</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002. p. 26.

<sup>2</sup> WRIGHT, Christopher. “As cinco marcas da missão”. <https://www.martureo.com.br/as-cinco-marcas-da-missao/>

<sup>3</sup> GOHEEN, Michael. *Introducing Christian Mission Today: Scripture, History and Issues*. IVP Academic, 2014, p. 75.

<sup>4</sup> BOSCH. *Missão Transformadora*. p. 468.

<sup>5</sup> NEILL, Stephen. *História das Missões*. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 582.

<sup>6</sup> WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão do Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, João Pessoa: Betel, 2012. p. 32.

estão envergonhados dos erros do passado, que igualaram missões à colonização. Muitos missionários da Era Moderna, séc. 19 e início do séc. 20, entendiam que seu chamado era levar a luz da civilização (educação, saúde, eletricidade, ferrovias etc.) às culturas “inferiores” na Ásia, África e Américas. Historicamente, o conceito de *missio Dei* nasce após o período das duas guerras mundiais que marcaram a desmoralização das nações que pertenciam à cristandade, e, assim, as missões passaram a ser vistas de forma limitada, como instrumento de dominação para as chamadas “terras pagãs”. Por isso, quando se fala de missões ou de missionários hoje, na Europa e em alguns contextos na América do Norte, o sentimento é de desconfiança pelas questões éticas passadas na era da colonização.<sup>7</sup>

Diante desse passado, tornou-se politicamente mais correto dizer que tudo é missão, pois a torna mais palatável aos que estão inseridos em uma cultura pós-cristã, onde os novos tempos requerem uma atualização na maneira arcaica de se fazer missões. Missão como (3) resposta às necessidades humanas, (4) transformação das estruturas de injustiça e (5) preservação da criação soa como música aos ouvidos pós-modernos de crentes e não-crentes. Pela graça comum de Deus, até não-crentes podem realizar essas três ações, mas somente a igreja pode (1) proclamar as boas novas do reino e (2) ensinar, batizar e treinar os novos crentes, e somente pela graça especial de Deus. A missão da igreja é fazer o que só ela consegue fazer no mundo. Os trabalhadores da seara sempre são poucos (Mt 9.37), e a diversificação e a amplificação da tarefa missionária para “tudo o que Deus está fazendo no mundo” divide ainda mais os escassos missionários em tempo integral. Simplifiquemos!

Ao contrário de Bosch, que afirma que não é

possível definir missão a partir da Bíblia,<sup>8</sup> temos cinco “grandes comissões” na Bíblia que claramente delinham, limitam e indicam a natureza da missão:

**Marcos 16.15-16:** “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.”<sup>9</sup>

**Mateus 28.18-20:** “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

**Lucas 24.46-47:** “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.”

**João 20.21:** “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: ‘Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.’”

**Atos 1.8:** “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.”

A elaboração do conceito de *missio Dei* na conferência de Willingen baseou-se apenas em João 20.21, deixando de fora os outros textos da comissão. A missão é vista como sendo nascida na Trindade: Deus pai envia seu Filho, que envia o E.S. e, por fim, envia todos aqueles que queiram participar do processo de reconciliação da criação. Isoladamente, o texto de João 20.21 é muito genérico, dando margem para significar qualquer coisa, especialmente para uma

<sup>7</sup> <https://www.barna.com/research/young-christians-value-missions/>

<sup>8</sup> “A Bíblia não deve ser tratada como um depósito de verdades às quais poderíamos recorrer aleatoriamente. Não há ‘leis de missão’ imutáveis e objetivamente corretas às quais a exegese da Escritura nos daria acesso.” BOSCH, *Missão Transformadora*. p. 27.

<sup>9</sup> As citações bíblicas são da versão Almeida Revista e Atualizada. (N. do E.)

parcela da igreja no mundo que tem vergonha de pregar o Cristo crucificado.

Com base nos textos bíblicos acima, Jesus Cristo nos chama para o ide do *kerygma* (pregação) de salvação ou condenação, onde novos discípulos serão feitos no ambiente eclesiástico com o ensino e os sacramentos (batismo e ceia) nas realidades local (Jerusalém), nacional (Judeia), junto aos excluídos (Samaria) e junto aos povos que nunca ouviram (confins). Tudo isso debaixo da autoridade de Cristo, na capacitação e na presença do E.S., exclusivamente com aqueles que são obedientes no envio e em serem testemunhas daquilo que Deus fez. A missão da igreja é:

- (1) *proclamar as boas novas do reino (fazer novos discípulos através da pregação e testemunho);*
- (2) *ensinar, batizar e treinar os novos crentes (discipulado radical, ensinando a guardar tudo).*

Devemos priorizar a missão de proclamar e ensinar, porque daí dependem o socorro aos necessitados, a transformação das injustiças e a preservação da criação. Novos discípulos capacitados pelo E.S. e com fidelidade a tudo o que Cristo ensinou irão melhor socorrer, transformar e preservar. Devemos melhorar a qualidade do discipulado e do treinamento dos novos convertidos, mas não devemos colocar no mesmo patamar as suas ações consequentes, isto é, seus frutos (3, 4 e 5), como sendo a missão da igreja.

### Sobre o autor

Chun K. Chung é filho de missionários sul-coreanos e radicado no Brasil. Professor de Missões no [Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper](#) da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é Doutor em Estudos Interculturais (Reformed Theological Seminary).

